

APRESENTAÇÃO

«OS OUTROS»

«*Be yourself; everyone else is already taken*». Oscar Wilde. O mesmo é dizer: «Sê tu mesmo, porque todos os outros já estão ocupados». Com o sentido de humor britânico que lhe é característico, Wilde afirma com graça o que Bauman diria décadas mais tarde: ser o mesmo, em oposição a ser o outro, o estranho, aquele a que dificilmente se acede.

Bem mais recente, em março de 2015, publicou-se em França «*Le goût des autres*» (Didier Francfort, Denis Saillard (ed.), Presses Universitaires de Nancy, 2015), uma obra coletiva que, seguindo um roteiro gastronómico de fazer «crescer água na boca», observa «o gosto dos outros», os seus hábitos culinários, o exótico, o igual e o diferente na comida estrangeira. Um «rio tranquilo» que corre ao longo do tempo e que mostra o que rejeitamos por ser estranho e do que nos apropriamos porque é diferente... Critérios opostos para a mesma coisa.

Em «*Regarding the Pain of Others*» («*Olhando o sofrimento dos outros*», Quetzal Editores, 2015), Susan Sontag alerta para a banalização da violência naquele que viria a ser o seu último ensaio. Violência que é veiculada pela fotografia que aproxima aquele que vê do sofrimento do outro, e que o distancia desse mesmo sofrimento pela lente que os separa.

São vários os outros que povoam o nosso imaginário. Por isso, o CITCEM decidiu organizar e editar, no 2.º semestre de 2015, um volume da revista *CEM/Cultura, Espaço & Memória*, com o tema «Os Outros».

Num cenário mundializado e globalizado, a construção do «sujeito único», com direitos universais, aparentemente homogêneos mas muitas vezes hegemónicos, reflexo de uma racionalidade mais imposta que assumida, caracteriza-se pela lógica da neutralização das diferenças e pela naturalização das desigualdades.

Neste contexto, é importante afirmar e defender o direito e o respeito pela diferença, garantindo uma perspetiva multicultural. Gramsci referia-se às «classes subalternas», Hannah Arendt à «cultura do alheamento», Boaventura Sousa Santos à «necessidade de descolonizar saberes», Rancière à necessidade de criar «processos de emancipação» em relação à realidade que nos submerge e violenta e Bauman fala-nos na «indispensabilidade do outro» para um efetivo conhecimento do «mesmo».

Uma unidade como o CITCEM que tem inscrita na sua matriz a apologia da transdisciplinaridade, que tem nos seus objetivos estratégicos um cruzamento de saberes entre

as várias propostas dos seus grupos, não pode deixar de criar um espaço de reflexão que integre, num processo efetivo de inclusão, as várias dinâmicas investigativas que têm como centro esta preocupação moderna ou pós-moderna, mas inquestionável, de «olhar para o outro lado do(s) saber(es)», dos «produtos de investigação».

Foi este o desafio: dar páginas em branco aos investigadores que nas suas pesquisas e nos seus percursos de investigação já se depararam muitas vezes com o *outro* mas sem lhe atribuir o protagonismo escrito que agora pretendemos.

O desafio lançado foi agarrado por uma mão cheia de colaboradores que das páginas imaculadas arrancaram a angústia da ausência de palavras e fizeram-nas surgir, juntando as letras que deram sentido a *outras* palavras.

Assim, no dossier temático, apostou-se em muitos *outros*: os fantasmas tornaram-se menos fugidios graças às palavras de Marta Dias; a alteridade das comunidades portuguesas na Índia é abordada por Cristina Osswald; Amândio Barros fala-nos do modo como o estrangeiro era acolhido nos portos medievais e modernos; com Liliana Castilho visitamos as casas dos *outros*, daqueles que não são nobres, nem possuem habitações que façam adivinhar a nobilitação; Paula Cardona visita o Minho e o legado artístico das comunidades de artistas galegos nos séculos XVIII e XIX; Cidália Dinis e Francisco Araújo apostam na transgressão e passam a pente fino o diário de Henriqueta Emília da Conceição, uma meretriz dos finais do século XIX; Jorge Alves e Beatriz de las Heras escrevem sobre a fotografia e a visão do *outro* nas campanhas da Liga Portuguesa de Profilaxia Social; Francisco Araújo reincide com *outro* artigo, desta vez subordinado aos aliados e aos inimigos de Portugal durante a Primeira Guerra Mundial, olhando para os cidadãos estrangeiros no Porto; Maria José Moutinho Santos escreve sobre a prisão como um espaço dos *outros*; a memória do *outro*: o sistema de valores dos transmigrantes no Estado Novo é a proposta de conversa com Albano Viseu; e a polaca Anna Chodorowska aproveita a oportunidade para falar das mulheres não iguais no sistema de educação no contexto de transformação de igualdade na Polónia contemporânea; com Helena Vieira frequentamos o *outro* ensino, o técnico, um subsistema inovador mas marginal; e o espanhol Juan Esteban Rodríguez Garrido colabora com a CEM com um artigo sobre os impérios português e espanhol e o modo como são tratados nos manuais escolares de Portugal e Espanha durante o período de ditadura e anos posteriores; Cristina Maia dá-nos a perspetiva europeia de como a Guerra Fria é abordada pelos manuais escolares de História Europeus; e a brasileira Tatyana de Amaral Maia contribui com um olhar sobre *eles e nós* no Ensino da História: uma análise comparativa das relações Portugal-Brasil nos atuais livros didáticos portugueses e brasileiros; se passámos pelas salas do ensino técnico, falta-nos observar o lugar do *outro* na escola pública: uma perspetiva inclusiva, algo que José Eduardo Ricardo Firmino se propõe fazer nas linhas que escreve; Pedro Miguel Barbosa Alves assiste à sétima arte quando visiona o *outro* no cinema ficcional e narrativo: sentido, significado e vitalidade na representação da realidade; e a literatura é lida no final do dossier temático, quando Carmen Matos Abreu nos conta sobre tensões e cruzamentos entre público e privado – «O *Outro*» em Júlio Dinis, Jane Austen e Charles Dickens.

Os textos que apresentamos de seguida são, como já dissemos, fragmentos da leitura que fazemos do *outro*. Um *outro* disperso, fugidio, que se atreve... não passam de sombras, de olhares, de pontos de vista dos autores que lhes apontaram holofotes. Muitas *outras* perspetivas podem ser aditadas a estas. A sua perspetiva, caro leitor.

Cláudia Ribeiro | Luís Alberto Alves

(Editores da CEM 2014)

